

Espaço aberto**Resposta combinada**

ALOYSIO AZEVEDO

A pergunta que mais se ouve nos últimos dias é: e agora, o que vai acontecer? Não é fácil responder porque o brasileiro de hoje é gato escaldado e, no fundo, já sabe o que virá. Aprendeu tudo nesta década de desenvolvimento de recursos humanos e pouco crescimento econômico. Aprendeu com dramática recessão, falsa estabilidade, desabastecimento, moratória e inflação alta. Está difícil enganá-lo desta vez. Mudar o relações públicas do Cruzado pela Garota Verão (eleita pela Fiesp) melhora o visual mas não convence, sobretudo se vem para anunciar a troca da URP por uma "livre negociação" entre partes tão dispares num país onde a renda é tão concentrada, o empresariado tão bárbaro e o Estado renitentemente parcial.

É claro que a CUT se sente honrada pela consulta prévia em meio ao deslumbramento com a fatia de poder recentemente conquistada. Isto também é falso e não passa de pequenos jogos de intriga que jamais resistirão ao peso dos acontecimentos e das convicções mais profundas. O que é certo será o aumento de descrédito da nossa decrépita elite após mais essa ilusão das cúpulas.

E o que vai acontecer, então? A inflação de janeiro aumentou mais, como vinha acontecendo mês a mês. Piorando a cada dia o quadro de penúria e irritação, como vinha acontecendo, tornando inadiável a sangria (sim, sangria, como a gente sente). E a sangria finalmente veio. A ansiedade cede lugar a um certo relaxamento curioso. O discurso pessimista herdado de nossos cafeicultores continua a ser feito por inércia, fundado nos números de nossos zelosos ilusionistas. Mas a estabilidade relativa dos preços trará sem dúvida um alívio para a maioria, principalmente quando o salário de janeiro for pago entre os dez primeiros dias de fevereiro (e em fevereiro tem carnaval), reajustado pela URP do mês e mais alguma coisa inesperada (para muitos). E assim aliviados passaremos pela quaresma.

Ninguém se lembrará das dispensas no funcionalismo que acabaram não se efetuando porque a questão foi entregue ao Congresso (o mesmo que encarregar o coelho da contenção demográfica). Os presidentes da Câmara e do Senado são líderes fisiológicos contumases e a maioria governamental é que dobrou a folha de pagamento do governo nos últimos 5 anos. Restarão portanto vários penduricalhos tipo BNH na caixa. A privatização de empresas estatais não passou até então do anúncio bombástico e desagregador das suas relações diversas. Sim, porque o governo nada mais tem feito com sua errática e promocional "vontade privatista" do que preparado o sucateamento dessas estatais para que nossos empresários interessados as comprem na bacia das almas, aos pedaços. Ao final da quaresma as empresas devedoras terão fechado suas portas e as demais estarão mais líquidas, todas nessa ciranda estimulada, menos propensas a investir. Sem falar naquela saudade da inflação que cada vez mais abafará o coração de nossos empresários, principalmente o pessoal que estará vendendo roupas para o inverno, ou carne de entressafra. Com o descongelamento virá a luta pelos reajustes salariais e aí serão feitas as contas das perdas pelos trabalhadores (só então faremos as contas).

Se o próprio governo mandou para as nuvens o serviço da nossa dívida interna com os juros e de nossa dívida externa com a máxi e, como todo mundo sabe, a causa primária da nossa inflação é o déficit das contas governamentais provenientes do serviço dessas dívidas, a inflação voltará com tudo. Se o modelo obsoleto de endividamento baseado no binômio bancos/exportação não teve condições de ser questionado (não vale esse jogo de cena das reservas e de controle do câmbio pelo BC, combinado com o atraso "técnico" do pagamento dos 500 milhões de dólares) e iniciada a sua substituição por uma aliança com o setor produtivo externo e nossos importadores, na base da revisão do sistema de concessões de serviços públicos para o capital privado e da conversão de nossas dívidas em capital de risco por seus valores de mercado (e não de face como nos obriga o Acordo renegociado pelo governo), se tudo foi feito para isso ser mudado, a inflação retornará mais forte, brevemente.

Enquanto esse dia não chega e acima de todas as novas ilusões, as lideranças mais responsáveis dos trabalhadores devem se preparar, crescendo como rabo-de-cavalo e articulando a vontade geral de mudança "para frente e para o alto" e não para o fundo do poço quintomundista, que os alquimistas do atraso almejam.